

Uma musa tropical: fronteiras do corpo e da palavra em Leila Diniz

Nair Sutil, UEM
nsutil@bol.com.br

O corpo feminino é onipresente, mas continua opaco, a frase é da historiadora francesa Michelle Perrot quando esta discute o corpo feminino¹. Ao longo do tempo, o corpo da mulher sempre despertou atenções de múltiplos setores e atores sem que, com isso, fosse devidamente visibilizado. Por mais estudos e produções que se tenha sobre esse assunto, perdura ainda um silêncio sobre os corpos femininos. Uma certa suspeita, como se o corpo não lhes pertencesse². Para a historiadora o corpo está no centro de toda relação de poder. Mas o corpo das mulheres é o centro, de maneira imediata e específica. Sua aparência, sua beleza, suas formas, suas roupas, seus gestos, sua maneira de andar, de olhar, de falar e de rir são objeto de uma permanente e perpétua suspeita. Reduzi-las ao espaço privado, controlado e vigiado seria uma solução para o perigo que esse corpo representa. Por estar sob permanente suspeita e por não ser totalmente compreendido, toda mulher em liberdade era um perigo e ao mesmo tempo estava em perigo.

Por muito tempo a história da sexualidade foi um tabu, mais ainda a história da violência exercida sobre as mulheres que é a dimensão maior das relações entre os sexos, a dominação destes sobre aquelas. Os homens a percebem pouco e, quando percebem tendem a minimiza-las. Nesse sentido, segundo Perrot, as mulheres apegaram-se a heroínas, à mulheres ativas, rebeldes, contestadoras, transgressoras, muito mais do que às mulheres vítimas ou coitadas. As relações de forças desiguais manifestam-se frequentemente pela violência, muitas vezes sutil e simbólica.

Leila Diniz transita entre esses dois pólos, ou aspectos das relações de poder, por um lado a ditadura militar, por outro a sua força e energia singular. A opção por trabalhar com estes autores, nos dará suporte para analisarmos a trajetória de Leila Diniz no que concerne à construção social do corpo, numa estrutura de poder, dominação e repressão. Bourdieu nos remete à construção social dos corpos, pois quando refletimos sobre as questões de gênero, a dominação masculina vem à tona, uma vez que estamos inseridos em um contexto cujas estruturas sociais e históricas privilegiam, ainda, os homens em relação às mulheres.

Muitas feministas criticam Michel Foucault³ por seu androcentrismo, que o torna cego ao *gender*, vendo ali a marca do pensamento pós-estruturalista que não se preocupa com os

¹ PERROT, Michelle. **As Mulheres e os silêncios da História**. Bauru, SP: EDUSP, 2005.

² Ibidem.

³ Ibidem.

protagonistas e rejeita a subjetivação no próprio momento em que as mulheres têm acesso a ela. Porém, um grande número de pesquisas sobre as mulheres e as diferenças entre os sexos reivindicam atualmente as análises de Foucault, principalmente nos Estados Unidos. As feministas americanas consagraram inúmeros estudos ao pensamento deste autor, interrogando-se sobre o uso que elas podem fazer dele. Um outro grupo de feministas, incluindo as americanas, consideram que os pensamentos de Foucault tenha dado armas úteis à crítica feminista, assim, sobre o poder, o corpo sexual como alvo e veículo do biopoder, as estratégias de resistência ou as tecnologias de si. Michele Perrot cita o próprio autor para ilustrar a importância deste para os estudos feministas e a questão das identidades “Não devemos excluir a identidade se é por meio desta identidade que as pessoas encontram seu prazer, mas não devemos considerar esta identidade como uma ética universal. Nós somos seres únicos”⁴.

As mulheres, dentro e através da família, exercem um poder disciplinar maior e, a família, para Foucault, é um ponto nodal de articulação do público e do privado, dos pais e dos filhos, dos indivíduos e do Estado. Há interfaces e fronteiras entre o masculino e o feminino, os espaços públicos e privados, e, estes não são estanques. É na família que as mulheres tomam pé na obra de Foucault, é pela sexualidade que elas tomam corpo, nas palavras de Michelle Perrot. É pela sexualidade que as mulheres vão tomar consistência e constituir um objeto digno de ‘problematização’, pois, inicialmente ele vê as mulheres como esposas e mães, se interessando apenas pela função materna na organização disciplinar e no controle dos costumes, dos espíritos e dos corpos. Neste sentido, o corpo feminino é uma questão de poder, um lugar estratégico da esfera pública e privada, um ponto de apoio da biopolítica.

Escrevendo nos termos de um Eros libertário, Foucault entende que a sexualidade é saturada de poder, e oferece uma visão crítica das teorias que reivindicam uma sexualidade anterior ou posterior à lei. Contudo, ao considerarmos aquelas ocasiões textuais em que Foucault critica as categorias do sexo e o regime de poder da sexualidade, torna-se claro que sua teoria sustenta um ideal emancipatório não reconhecido, que se mostra cada vez mais difícil de manter, mesmo dentro do rigorismo de seu próprio aparato crítico.⁵

Leila Diniz é protagonista de uma revolução simbólica no que tange os comportamentos ditos ‘femininos’. Seu irreverente vocabulário e a sua forma livre e aberta de lidar com o corpo e com a sexualidade fazem parte da nova construção do feminino, do ser mulher no Brasil desse período. Enquanto a sociedade esperava um vocabulário, gestos polidos, educados, reticentes e

⁴ PERROT, Michelle. **As Mulheres e os silêncios da História**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

⁵ BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 140-155.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

comedidos de qualquer pessoa durante a ditadura, Leila dá entrevistas e profere palavras. Fala abertamente de sua vida sexual e afetiva. Seu vocabulário nada convencional, logo provoca a censura que a obriga a assinar um documento se comprometendo a não mais falar palavrão. Também sobre Leila recaem comentários, críticas e maledicências de toda ordem, pois, tranquilamente certo dia, expõe seu ventre grávido, coberto apenas por biquíni na praia de Ipanema. Comportamento inaceitável, pois o período da gravidez deveria ser vivido de forma recatada e Leila esbanja para o sol e para o mar e para quem quisesse ver a sua alegria por portar a vida dentro de si. O corpo grávido de Leila provocou o encantamento de alguns que admiraram sua coragem, e com desdém e desprezo pela maioria que tomou a atitude como afronta e desrespeito. Afinal, Leila havia ultrapassado o umbral do sagrado⁶, a gestação deveria ser vivida de forma reclusa, jamais exibida de forma a confessar a sua sexualidade.

Leila Diniz é entrevistada pelo jornal Pasquim. Sua espontaneidade e irreverência conquista a simpatia da equipe que a elege musa do jornal. A entrevista concedida por Leila - graças aos asteriscos que substituem seus palavrões - faz com que o jornal tenha sua tiragem recorde, aproximadamente 200 mil exemplares, muito para um jornal de circulação restrita. A carreira de Leila Diniz na vida artística e sua vida pública, desde a sua estréia no teatro em 1964 até a sua morte prematura em 1972 se dá em plena vigência do regime militar, exatamente quando o comando das forças armadas controlou o poder político no país. Embora doloroso, consideramos este um período rico no que tange a efervescência e o surgimento de vários movimentos contestatórios e de contra cultura. Se faz importante citar que foi ao longo deste período que os movimentos feministas, ou as discussões feministas foram retomadas em vários lugares do mundo, inclusive no Brasil.

A historiadora Joana Maria Pedro⁷ nos aponta as circunstâncias em que o debate sobre a pílula contraceptiva chegou ao Brasil, ou seja, muito mais ligado a políticas antinatalistas do que para assegurar o controle feminino sobre o próprio corpo. A chegada da pílula ao Brasil, para a historiadora, esteve diretamente associada ao temor de uma 'super-população', tanto que, antes mesmo de países como a França terem liberado o seu uso, as brasileiras já consumiam o hormônio sintético com largueza. Sem dúvida alguma, é a pílula anticoncepcional o passaporte para a liberação sexual da mulher, não mais refém do risco permanente da procriação. Ela passa a ter o controle sobre o próprio corpo.

⁶ KOLONIAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

⁷ PEDRO, Joana Maria. **A experiência com contraceptivos no Brasil**: uma questão de geração. In: Revista Brasileira de História, v.23 n.45 São Paulo, jul.2003.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

Também é desse período a imprensa alternativa⁸, principal espaço público de crítica, protesto, resistência e criação. Juntamente com Opinião, Movimento, Em Tempo – e muitos outros – o Pasquim participou dessa aventura, que foi vencer o silêncio imposto pela censura prévia e pela repressão. Sem se dar conta do terreno em que caminha, o Pasquim - mais lúdico do que político – é um órgão tagarela, falando de tudo, que no seu humor não poupa nem a si próprio, ficando célebres suas frases de pura auto gozação, como esta, “Pasquim – ame-o ou deixe-o”, de alusão óbvia. A língua solta e atrevida, a crítica aos costumes, o palavrão e a apologia à liberdade sexual fazem a alegria dos leitores e provocam a ira dos conservadores. É preciso lembrar que a ironia dos pasquins não poupou sequer o movimento feminista, entendido por alguns deles como movimento burguês.

A historiadora Rachel Soihet⁹ em um estudo sobre as atitudes anti-feministas e ataques do jornal ao movimento aponta que

(...) ao mesmo tempo em que se opunha ao regime por meio da ridicularização, voltava sua mordacidade igualmente para as mulheres que haviam se decidido pela por seus direitos, ou àquelas que assumiam atitudes consideradas inadequadas à feminilidade e às relações estabelecidas entre os gêneros. Ridicularizava as militantes utilizando-se dos rótulos de “masculinizadas, feias, despeitadas”, quando não de “depravadas, promíscuas”, rótulos através dos quais seus articulistas conseguiam grande repercussão.

Ainda que mordaz, inconseqüente ou divertido, o Pasquim trouxe contribuições como oposição à política dominante, como contestação ao silêncio e à repressão e como criação original de imprensa.¹⁰ É importante lembrar ainda que o Pasquim é um jornal carioca, mais particularmente, da Zona Sul do Rio de Janeiro. Portanto, as observações e as opiniões sobre os fatos, se dá a partir desse ponto de vista, ou seja, jovens jornalistas e intelectuais de classe média - alguns boêmios - sintonizados com o que acontecia no Brasil e no mundo. Todos os pasquins tiveram indisponibilidade com a ditadura. Embora possa parecer contraditório, uma vez que o jornal tinha atitudes anti-feministas, é importante destacar o tratamento dispensado à Leila Diniz. Quem nos atesta é ainda a historiadora Rachel Soihet apontando que os comportamentos da atriz não eram alvo de chacota ou zombaria por parte dos jornalistas. Talvez, segundo Soihet, porque as atitudes de Leila, mesmo libertárias em termos individuais, não questionavam diretamente as relações de poder

⁸ A expressão “imprensa alternativa” teria sido cunhada por Alberto Dines, conforme citado em Kucinski, 1991. O termo “alternativa” contém quatro dos significados que podem explicar esse tipo de imprensa: o de algo que não está ligado à políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída para uma situação difícil e, finalmente, desejo das gerações dos anos 60 e 70 de protagonizar as transformações sociais que pregavam (Kucinski, 1991: XIII).

⁹ SOIHET, Rachel. Preconceitos nas charges de O Pasquim. *ArtCultura*, Uberlândia, v.9, n. 14, p. 39-53, jan.-jun. 2007.

¹⁰ BRAGA, José Luis. *O Pasquim e os anos 70*: mais pra epa que pra oba. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991. p. 13

entre os gêneros além dela não estar vinculada a movimentos organizados.

Conforme já mencionamos, Leila Diniz é entrevistada pelo Pasquim, em 1969 para a edição de número 22¹¹ por esta razão tomamos como importante abordar, ainda que brevemente, o estilo das entrevistas realizadas por este jornal. A entrevista comum estabelece dois papéis claramente identificáveis: um jornalista que comanda a seqüência e os ritmos da entrevista e o entrevistado que guarda a decisão da racionalidade que atribuirá a suas respostas¹². A entrevista do Pasquim abandona esses papéis rígidos se diluindo em uma troca em que os ‘entrevistadores’ não só colocam questões a serem respondidas como também exprimem opiniões e desacordos. A construção dos assuntos é improvisada entre eles e o entrevistado. Como consequência dessa postura freqüentemente há um envolvimento psicológico no estilo bate-papo que estimula o convidado a se expor, talvez porque os próprios pasquins expõem suas idéias, sentimentos e episódios pessoais. Essas características são claramente perceptíveis em todas as entrevistas, principalmente na de Leila Diniz, na qual fala abertamente de sexo, deixando claro que as mulheres não deveriam apenas ‘servir’ os homens, mas também exigir o prazer. Foi também nessa entrevista explosiva que Leila não economizou seus palavrões, já proverbiais. O efeito da entrevista foi tão violento, que rendeu-lhe sérios problemas com o regime militar e em sua vida profissional.

Um outro momento transgressor na vida de Leila, é a famosa foto em que aparece de biquíni, grávida do cineasta Ruy Guerra, exibindo orgulhosamente a barriga volumosa. A sexualidade à vista de todos. A ‘transgressão’ escandalizando inclusive os menos reacionários. Importante lembrar que a relação entre Leila e Ruy não estava ligada a contrato civil ou religioso. Tratava-se de uma relação aberta, em que pese os comentários que esse tipo de relação poderia gerar.

Trazer ícones como Leila Diniz sob o viés do corpo, da sexualidade, da transgressão e da beleza-musa, em face ao regime militar, se faz importante para a construção de novos olhares sobre o feminino. Como precursora de comportamentos ousados e transformadores, o mito/musa Leila Diniz se situa nos conceitos de Pierre Bourdieu. Os trabalhos do sociólogo tratam da questão da dominação, destacando-se o poder simbólico, o campo e o habitus. O poder simbólico é todo poder que consegue impor significações e torna-las legítimas. Dessa forma, poderíamos conferir a Leila, o poder de se impor ante o sistema estabelecido, também de poder, e, em que pese sua imagem de transgressora, ela consegue alterar comportamentos, sobretudo os femininos.

Leila Diniz quebrou tabus numa época em que a repressão dominava o país. Não só

¹¹ O Pasquim, n. 22, Rio de Janeiro, 20 a 26 jun. 1969.

¹² BRAGA, José Luiz. **O Pasquim e os anos 70: mais pra epa que pra oba**. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

escandalizou ao exibir de biquíni sua gravidez, mas principalmente em sua entrevista polêmica ao Pasquim, chamada e entrevista manifesto. “Trepo de manhã, de tarde e de noite” (Pasquim, 1969). Após seu relacionamento com Domingos de Oliveira, Leila casou-se com o diretor de cinema moçambicano, Ruy Guerra, pai de sua filha Janaína. Em Adelaide, na Austrália ganhou o prêmio de melhor atriz pelo filme *Mãos Vazias*. Ousada, Leila detestava convenções. Invejada e criticada foi uma mulher à frente do seu tempo. Além de ser jovem e bonita, Leila era uma mulher de atitude. Falava de sua vida pessoal sem nenhum tipo de constrangimento. Nessa entrevista mencionada a cada trecho falava palavrões que foram substituídos por asteriscos, e ainda disse: “Você pode muito bem amar uma pessoa e ir pra cama com outra. Já aconteceu comigo”. Dita nos dias atuais, essa frase soa mais do que normal aos nossos ouvidos, mas é preciso lembrar que Leila a proferiu numa época em que se defendia cegamente a “moral e os bons costumes”. O exemplar mais vendido do Pasquim foi justamente esse com a entrevista de Leila Diniz, do qual Leila veio a ser eleita musa. Nunca uma mulher brasileira havia falado tanto e tão abertamente sobre sexo, sobretudo a jornais. A maior parte do que ela falou não foi publicado, mas o pouco que saiu foi o suficiente para lhe render alguns aborrecimentos. Imediatamente à publicação dessa entrevista foi instaurada a censura prévia à imprensa, através do Decreto 1.077 mais conhecido como Decreto Leila Diniz.

Leila experimentou os limites de todos os horizontes: políticos, comportamentais, sexuais, existenciais, sonhando em aproximá-los todos. A moda ou a vida que pregava essa geração de jovens mulheres entre 20 e 30 anos consistia em questionar os valores institucionais que davam sustentação ao que chamavam com desdém de “casamento burguês”: a monogamia, a fidelidade, o ciúme a virgindade. Na prática, isso significava para elas deixar a confortável condição de apêndice econômico, a segurança psicológica de um lar, e partir para a arriscada aventura da experimentação existencial, que se podia traduzir na busca de uma profissão, em novas e descomprometidas relações.

Defensora do amor livre e do prazer sexual, Leila é lembrada como símbolo da revolução feminina na década de sessenta. Leila optou pela maternidade, é dela a frase “tenho pena dos homens por não poderem engravidar”. Escolhas, opções, exercício da liberdade e conquista da mesma, em que pesasse todas as formas de repressão e preconceitos. As reflexões de Foucault acerca da sexualidade e do poder subsidiam as questões pontuadas. Os trabalhos de Foucault apontam para as táticas sociais que fazem do corpo da mulher superfície para o exercício do poder; aponta para a histerização, para a saturação em sexualidade de seu corpo como inserção e comunicação orgânica com o corpo social através da normatização de condutas. Conforme nos aponta Tânia Navarro Swain em seu artigo *Quem tem medo de Foucault? Feminismo, Corpo e*

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

Sexualidade.